

# VOCÊ NUNCA VIU O MAL DE VERDADE

UMA ANÁLISE DA GOVERNANÇA  
DO ESTADO CRIMINAL POR  
UM EX-INTEGRANTE DO PCC

**RUAN  
LISBOA**

Prefácio de Camila Nunes Dias

# VOCÊ NUNCA VIU O MAL DE VERDADE

UMA ANÁLISE DA GOVERNANÇA  
DO ESTADO CRIMINAL POR  
UM EX-INTEGRANTE DO PCC

**RUAN  
LISBOA**

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Ruan Lisboa, 2026  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026  
Todos os direitos reservados.

*Edição de texto:* Guilherme Conte  
*Leitura crítica e revisão técnica:* Camila Nunes Dias  
*Preparação:* Ligia Alves  
*Revisão:* Valquíria Matioli e Diego Franco Gonçalves  
*Diagramação:* Negrito Produção Editorial  
*Capa:* Elmo Rosa  
*Imagem de capa:* Raden\_Yogana via Shutterstock  
*Imagem de miolo:* Bia Lombardi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lisboa, Ruan

Você nunca viu o mal de verdade : uma análise da governança do estado criminal por um ex-integrante do PCC / Ruan Lisboa. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.  
640 p.

ISBN 978-85-422-4406-9

1. Ciências sociais – Crime organizado – Brasil 2. Etnografia 3. Lisboa, Ruan – Autobiografia 4. Primeiro Comando da Capital (Crime organizado) 5. Ex-prisioneiros – Memórias autobiográficas I. Título

26-3701

CDD 364.1060981

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais – Crime organizado – Brasil



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# SUMÁRIO

|                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| Prefácio .....                                                            | 13 |
| Glossário .....                                                           | 23 |
| Prólogo.....                                                              | 33 |
| Introdução: Do caos e da ordem baseada na faca, a paz<br>do Comando ..... | 45 |

## **PRIMEIRA PARTE: PARA SOBREVIVER, É PRECISO SE ADAPTAR**

|                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. 454-XXX.....                                                                          | 69  |
| 2. O dia de visita .....                                                                 | 84  |
| 3. Conhecendo o ecossistema .....                                                        | 92  |
| 4. O bate-chão .....                                                                     | 98  |
| 5. “O futuro que você quiser, aqui dentro ou lá fora, você é<br>que vai escolher.” ..... | 108 |
| 6. A estrutura do Comando no sistema.....                                                | 125 |
| 7. Vivendo em modo de prisão.....                                                        | 141 |

## **SEGUNDA PARTE: CONDENADO**

|                                            |     |
|--------------------------------------------|-----|
| 8. Reginópolis II.....                     | 153 |
| 9. Tentando manter os problemas longe..... | 164 |
| 10. A cela dos piores.....                 | 176 |

|                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| 11. O caixa da Família .....                                    | 183 |
| 12. Em rota de colisão .....                                    | 189 |
| 13. O Parque dos Monstros .....                                 | 200 |
| 14. Os horrores dos piores .....                                | 217 |
| 15. Poucos direitos para defender .....                         | 224 |
| 16. Prontos para a guerra .....                                 | 228 |
| 17. Silêncio e armas apontadas .....                            | 240 |
| 18. A penitenciária de Assis .....                              | 251 |
| 19. Testando limites .....                                      | 257 |
| 20. Batizado .....                                              | 261 |
| 21. Martinópolis .....                                          | 273 |
| 22. A democracia criminal .....                                 | 303 |
| 23. Uma nova política de cobrança de dívidas .....              | 311 |
| 24. Entre a talaricagem e a opressão: o caso do Claudinho ..... | 337 |
| 25. O amor pelo Comando .....                                   | 354 |
| 26. O infiltrado .....                                          | 367 |
| 27. O monstro enjaulado .....                                   | 375 |
| 28. Do castigo para o semiaberto .....                          | 384 |
| 29. A colônia penal agrícola de Valparaíso .....                | 390 |

### **TERCEIRA PARTE: NA RUA**

|                                                     |     |
|-----------------------------------------------------|-----|
| 30. Planos para a vida fora dos muros.....          | 403 |
| 31. A disciplina do caos .....                      | 414 |
| 32. Metade problema, metade solução .....           | 447 |
| 33. Piloto de Diadema .....                         | 465 |
| 34. Hierarquia e burocracia .....                   | 484 |
| 35. A estrutura de funcionamento do Progresso ..... | 498 |
| 36. Só mais um dia de trabalho .....                | 511 |
| 37. A lógica é ser preso ou morrer.....             | 524 |
| 38. Capturado .....                                 | 530 |

### **QUARTA PARTE: DE VOLTA AO SISTEMA**

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| 39. Nomes apagados da história ..... | 557 |
| 40. O Martelo do Sistema .....       | 569 |

**QUINTA PARTE: SOBRE RESSOCIALIZAÇÃO,  
LIBERDADE E VIDA**

|                                        |     |
|----------------------------------------|-----|
| 41. A falácia da ressocialização ..... | 603 |
| 42. A moral criminosa .....            | 610 |
| Agradecimentos .....                   | 635 |



**454-XXX**

Três de janeiro. Eu havia sido preso em 29 de dezembro e tinha passado o réveillon em uma cela no 1º Distrito Policial de São Bernardo do Campo. Mesmo atrás de paredes espessas e de chapas de aço, tinha dado para sentir o clima das pessoas na virada de ano. Perto da delegacia, que ficava em meio a prédios e casas, houve festas, gritos e música alta. Escutei os fogos, as felicitações e os desejos para o ano que se iniciava. Já ali dentro não havia perspectiva para mim; nada era promissor. Mas aquela era a minha realidade, e sempre me considerei um realista acima de tudo. Mesmo com sonhos e planos, aos 18 anos eu sabia muito bem como a sociedade e o Estado me enxergavam. E a realidade ao meu redor deixava claro que o meu ano não seria nada bom.

Eu entendia todas as implicações que a cor da minha pele e a minha classe social impunham ao meu dia a dia. É claro que, para a polícia, a minha cor não estivera diretamente vinculada ao fato de eu estar preso; o racismo é apresentado como procedimento padrão. Eu não teria sido vítima de racismo pelos policiais que me levaram; eles só estariam reproduzindo o comportamento usual da corporação. Em relação ao crime cuja autoria atribuíam a mim, eu era inocente. Tinha, sim, envolvimento com o tráfico, um delito totalmente diferente daquele do qual me acusavam, mas quem me prendeu não sabia disso. Um dos policiais, dentro da delegacia, tinha sorrido ao proferir a palavra “inocente” olhando para mim. Um sorriso que eu veria diversas vezes depois daquele incidente: a satisfação e o escárnio que mostram que

alguém está abusando do poder e tem completa satisfação ao observar o mal que está causando. O sorriso do poder e do controle, o mesmo que acredito que muitos dos meus antepassados observaram nos lábios de seus captores.

Eles tinham nas mãos um assalto com autores desconhecidos – algo muito pior – e um jovem preto, e resolveram unir os dois. Bastou uma arma aparecer a alguns metros de mim, coincidentemente longe das câmeras de segurança de uma fábrica que fica em frente ao local onde fui preso. O que eu sofri foi racismo estrutural.

A diferença entre uma cela de delegacia e um centro de detenção provisória é brutal. Se você acredita que sabe o que é ficar preso porque passou algumas horas ou dias em uma cela de DP, está equivocado. A cela da delegacia não difere muito de uma masmorra de filme medieval: é um recinto de concreto fechado por grades, sem nenhuma condição de manter uma vida humana digna ali dentro. Mas uma cela de DP, por mais cruel que seja, não atravessa o portal para o outro mundo da prisão. Essas celas estão em algum lugar entre a realidade, conhecida pelas pessoas fora do presídio, e o mundo paralelo que existe quando se atinge a desumanização. Depois que atravessa esse portal, você é despido de todas as características que te fazem humano: seu nome é substituído por um número e você deixa de ser uma pessoa para se tornar um problema estatal. Na sua passagem pela cela do DP, você vira um bicho de estimação para os policiais civis, que te alimentam quando querem, sem nenhuma noção de rotina. Nunca te tiram da cela, exceto para algum procedimento deles. Você nem tem a noção de que está preso de fato. A pessoa só cai na real quando entra no mundo e na rotina prisional.

A prisão é igualmente desumana, mas constrói uma história que é palpável e particular, registrada nas paredes, nos rostos e nos hábitos dos que estão ali. Se você olhar para a parede da cela de inclusão de um centro de detenção provisória, vai ler dezenas ou até mesmo centenas de nomes, datas e histórias que jamais saberá como começaram nem como acabaram. Muitas dessas marcas podem ser os únicos registros da existência de almas miseráveis que por ali passaram. É um mundo desconhecido.

No CDP você está prestes a ingressar em outra dimensão. Por mais que o centro de detenção provisória se assemelhe muito a uma prisão

de verdade, ele é apenas o círculo inicial do inferno, que te leva cada vez mais profundamente a uma dimensão escura e esquecida. Um tumulto para homens vivos, um depósito de corpos confiscados pelo Estado. Dentro desse mundo paralelo, todos estamos confinados no mesmo espaço, mas até mesmo o inferno tem uma hierarquia entre os seus demônios.

Na delegacia, a mente começa a se acostumar à situação. Você está preso, mas a ficha não cai na hora. Você pensa: *Não é possível que vão me deixar aqui, afinal eu sou réu primário; isto aqui é passageiro*. Os primeiros dias são cruéis. Sua mente elabora um monte de conjecturas, mas você não faz a menor ideia do que realmente vai acontecer. Quando passei por isso, a comida era horrível. Eu não esperava um menu de restaurante, mas ter dignidade seria o ideal.

Passar uns dias na delegacia não te mostra dez por cento dos efeitos do cárcere. No DP, quando você está enfrentando o impacto inicial, a única privação que assombra a sua mente é a da liberdade. Você não pode simplesmente se levantar e sair. Mas é quando começa a sentir falta de trivialidades da rua que você realmente entra no ritmo da cadeia. Quando a prisão física entra na sua cabeça e se torna uma prisão psicológica, você começa a sentir as dores maiores.

A situação que estou descrevendo desde o início do capítulo é a da minha primeira prisão, por isso eu não queria, naturalmente, testar os limites da maldade policial. Minha tática se resumiu a não incomodar os policiais para que eles não me incomodassem. Em pleno período de festas, eu sentia o cheiro do churrasco que eles faziam dentro da delegacia. E minha tática deu certo: lembro que cheguei a ganhar alguns pedaços de carne, além de um irônico Feliz Ano-Novo. Na época eu era um garoto franzino de 18 anos, sem nenhum histórico de violência. Eles não davam a mínima para mim, tenho certeza de que me esqueceram assim que fui transferido daquele lugar.

Eu estava sozinho na cela, claro. Não existia outro idiota igual a mim que tivesse feito a proeza de ser preso no dia 29 de dezembro. O silêncio não me incomodava. Apesar de muitas vezes falar sem parar, eu adoro o silêncio, a solidão, apreciar meus próprios pensamentos. Meus dias na delegacia se resumiam a ficar deitado, me levantar para comer e me deitar novamente. Eu ficava olhando para a porta, imaginando

que minha mãe iria aparecer com um advogado a qualquer momento e falar: “Vamos embora, meu filho”. Isso não aconteceria, ainda que ela tivesse tentado.

É preciso entender que, quando você vai preso e tem uma família, gente que realmente te ama e se importa com o que te acontece, no fundo não é só você que vai preso. No início essas pessoas sentem o baque até mais do que você, pois a sua prisão exerce uma pressão psicológica involuntária sobre elas. Você quer sair, e isso é sufocante, frustrante, produz uma angústia que quase te impede de respirar ali dentro. E naquele momento eles sabem que você não pode fazer nada por si. Mesmo sem que ninguém diga nada, a responsabilidade de tirar você daquele lugar acaba sendo transferida para eles, ainda que não tenham te colocado lá. Quando você vai preso pela primeira vez, a família faz de tudo para te ajudar, muitas vezes contraindo dívidas, tomando empréstimos impossíveis e gastando com providências inúteis, mas que são muito bem exploradas pela classe dos advogados “de porta de cadeia”. Essa gente adora um réu primário vindo de família leiga, cheia de esperança de devolver a liberdade a seu ente querido.

Então, num dia qualquer de janeiro, fui levado ao CDP de São Bernardo do Campo. Me lembro de ter sido transportado em uma viatura normal da Polícia Civil. Um policial fez uma daquelas piadas que devem ser treinadas na frente do espelho e das quais ninguém acha graça: “Aproveita e vê a rua aí. Por muitos anos você não vai conseguir ver de novo”. Ignorei. Eu havia trabalhado em uma empresa perto do lugar onde agora iriam me forçar a viver por algum tempo. Nunca tinha parado para prestar atenção naquela construção ou nas histórias de quem estava lá dentro. O ser humano é especialista nisso: ignora problemas sociais até que eles o afetem diretamente.

Aos poucos, fui vendo a viatura se aproximar do edifício e os portões se abrirem. Uma sensação horrível me invadiu: a de ser coagido a entrar e permanecer em um lugar por meio da força alheia. Sempre fui ligado à história e ao sofrimento do meu povo, meus ancestrais africanos. Ali, eu sabia que havia aprontado e estava pagando o preço dos meus atos. Mesmo tendo sido preso injustamente, por causa de um crime forjado, eu tinha envolvimento com tráfico. Mas e os homens e mulheres que atravessaram o oceano acorrentados, da mesma forma

que eu estava ali, e que, diferentemente de mim, eram totalmente inocentes? Não estou me colocando em posição de escravo ou vítima, mas fiz esse paralelo a respeito da sensação. Só quem esteve cativo consegue entender o que é deixar de ser humano, a falta de autonomia nas liberdades mais básicas e no corpo, perder o controle sobre a vontade de dormir, comer ou usar o banheiro. Isso é o que existe de mais humilhante e degradante.

Já fui muito ingênuo, mas nunca burro. Quando me vi atrás daqueles muros, eu sabia que eu tinha feito coisas que violavam os acordos sociais que eu havia aceitado, mesmo que de maneira arbitrária. Eu deveria ter respeitado as leis, ainda que o Estado não respeitasse nem cumprisse suas obrigações. Minha única preocupação era sobreviver naquele local. A arma de que eu dispunha era a inteligência. Eu, um garoto de um metro e setenta, muito magro, com feições ainda infantis para meus 18 anos, não tinha capacidade física para me defender.

Viatura estacionada no pátio, a porta se abre. Piso pela primeira vez no inferno, e começam os berros. Sempre odiei que alguém grite comigo, e isso ainda iria me estressar muito na cadeia. Os funcionários são treinados por algum idiota que acredita que a melhor maneira de manter o controle é gritando. Depois que desci da viatura, fui conduzido a uma fila de recém-chegados. Me posicionei onde indicaram e obedeci a todos os comandos. O procedimento é humilhante em todos os lugares. Você deve tirar toda a sua roupa, para que os funcionários a revistem. Deve mostrar as solas dos pés, as palmas das mãos, depois segurar os testículos, agachar três vezes e passar as mãos no cabelo. Fiz tudo como solicitado, e os outros da fila também. Havia alguns mais velhos ali que não questionaram nada, então entendi que era uma situação corriqueira, embora “normal” seja uma palavra difícil de usar para descrever essas condições.

Isso aconteceu na entrada da cadeia, logo abaixo da muralha e do portão principal. Fomos conduzidos para o interior do CDP, em uma cela de inclusão enorme, com muitos trelitches de concreto. Entrei em silêncio, procurei um lugar para me sentar e fiquei observando aquele ambiente bizarro. Por quanto tempo teria que viver ali? Notei outro garoto que também aparentava ser muito novo e, possivelmente, primário como eu. Ele também estava sentado no canto dele, enquanto outros

já conversavam, falando de qual quebrada eram e contando coisas da vida. Ali entre eles havia uma das únicas figuras de quem me lembro, um traficante da cidade de Americana a quem chamavam de Leitão. Foi preso em São Bernardo com drogas no carro, indo fazer um favor para alguém. Me vendo no canto e todo na defensiva, ele sentiu que eu era primário e veio conversar comigo.

A conversa foi banal, mas depois eu entenderia que ele estava fazendo uma avaliação: queria saber por que eu estava preso e de onde eu era. Eu já sabia mais ou menos como o crime funcionava. Tinha plena convicção de que nunca tinha cometido nada fora da ética criminoso, e que as únicas coisas que poderiam me prejudicar dentro da prisão seriam minhas próprias atitudes. A conduta define o homem, e na cadeia você é o que faz. Ou, como dizem por aí, seu dia a dia fala sobre você. Você pode ser um mega-assaltante de banco, mas, se não tiver proceder e disciplina, não vai ter uma vida fácil na cadeia.

Minha primeira sensação ali foi a de que o Leitão era uma boa pessoa e que estava tentando me tranquilizar. Ele comentou que a cadeia estava em paz graças ao Comando e que eu não tinha motivo para me preocupar se não tivesse nenhuma treta ou assunto pendente com eles. Enquanto estávamos nessa sala, foram chamando um por um para fazer a inclusão no sistema da cadeia. Tiraram fotos novamente, agora também das tatuagens. Recolheram mais uma vez as digitais e preencheram vários papéis. Como é preciso marcar e dar nome ao gado antes de soltar no pasto, recebi um novo nome: 454-XXX. Nasci 36.498 dias após a abolição da escravidão, cem anos depois, para ser mais exato; assim, é no mínimo uma trágica coincidência que o sistema prisional renomeie os indivíduos como faziam com os escravos: com um número de matrícula. O número que você ganha ao ser incluído no sistema prisional te acompanha por toda a sua vida.

Além da matrícula, recebi um colchão de espuma, uma calça marrom e um jaleco da mesma cor, que fui obrigado a vestir imediatamente. O certo seria ficarmos isolados por dez dias, em regime de observação, o chamado RO. Isso é feito para saber se você tem problemas – se pode ficar na cadeia sem sofrer risco de vida, essas coisas – antes de te colocarem em um raio, onde você estará vulnerável, jogado à sua própria sorte. No entanto, como havia ocorrido uma tentativa de

fuga, as celas de RO estavam sendo usadas como castigo e no momento não estavam disponíveis. Então nos mandaram “pagar o RO” – a gíria para cumprir o período regulamentar – dentro do raio 7, na última cela, a de número 8.

Comecei a subir o corredor principal da cadeia, que chamamos de radial, segurando meu colchão de espuma velho. Era um corredor enorme, com quatro gaiolas no centro. Cada uma delas dava acesso a dois raios, um à esquerda e um à direita. A primeira gaiola levava aos raios 1 e 2, a segunda aos raios 3 e 4, e assim por diante. Na radial, já dava para ouvir barulhos de apitos e futebol rolando, muita gritaria e falação. Como éramos muitos, foram nos colocando de dois em dois dentro da gaiola e abrindo o acesso para o raio. Essas gaiolas são como as dos zoológicos, ou como a entrada de muitos prédios residenciais hoje em dia: uma caixa gradeada com duas portas; você entra, a primeira é fechada, e só aí eles abrem a outra. Isso evita que, em caso de rebelião, o detento consiga simplesmente render o guarda responsável pela passagem ali.

Quando abriram o chapão da primeira gaiola, pude ver a cadeia por dentro pela primeira vez. Algo difícil de descrever: muitas pessoas andando pra lá e pra cá – é o que na gíria se chama de “pedalar”, simplesmente caminhar no espaço disponível, indo e voltando continuamente. Havia muitos varais com lençóis e roupas espalhados na quadra, que basicamente era todo o pátio para recreação. Quando está rolando futebol, quem não joga precisa se apertar na pequena faixa que resta além das linhas que demarcam a quadra, menor que aquelas que tem nas escolas públicas.

Aquele era o espaço que eu teria para compartilhar com centenas de desconhecidos, acusados e condenados por diversos tipos de crimes, muitos com cara de poucos amigos. Ao lado da gaiola, havia dois faxineiros. Assim que as grades da última porta entre mim e a prisão de verdade terminaram de deslizar, eu entrei. Um dos detentos pegou meu colchão e disse que iria deixar na cela para mim. “Entra aí na faxina” – era a primeira porta que estava aberta. A faxina é a única cela que geralmente fica destrancada o dia todo em um presídio. Lá dentro havia cinco irmãos – como são chamados os integrantes do PCC – sentados. Um deles me perguntou o básico e fez a introdução que era geralmente

feita para todo primário. “Boa para nós, companheiro. Irmão Macumba. Sou disciplina do prédio. Qual o teu vulgo e de quebrada você é?” Enquanto falava, ele estendeu a mão para me cumprimentar. Mas tinha ódio no rosto e um olhar analítico, como quem aperta a mão de um possível inimigo.

— Sou o Neguinho, da vila [*falei o nome*], em São Bernardo, irmão.

— Tem algum problema pendente ou treta com o Comando? Se tiver, já passa o papo reto, companheiro. Esse primeiro papo aqui é de conscientização. Você é primário, se tiver problema a gente tenta resolver da melhor forma, dentro da paz em que se encontra o sistema. Se mentir, as ideias já podem ser radicais dentro da disciplina do Comando.

— Não tenho treta com ninguém.

— Foi preso no quê?

— Um cinco sete e porte de arma, irmão.

— Não é estuprador não, né? Se for, é melhor pegar a gaiola de novo porque aqui nós não admitimos.

— Irmão, só estou dando papo reto.

— Tá ligado que seu capa-capá vai chegar aqui na gaiola, e se nós pegar que está mentindo aí, que tá preso em um assalto, nós vamos te chamar pras ideias, né?

Capa-capá é um papel que você recebe dias depois de chegar ao presídio, um tipo de cientificação. Ele informa qual é a acusação que está te mantendo preso. Sempre que alguém recebe o capa-capá, os faxineiros pedem para ver.

— Tá suave, irmão. Tô ciente, tô passando a verdade.

— Não leva a mal, companheiro. A recepção é essa pra todos. A gente nunca sabe se quem entra aqui é inimigo ou não. Mas, se tu tá dando papo reto, a cadeia tá na paz e a gente tá aí pra fortalecer sempre. Conhece ou colava com algum irmão na rua?

— Conheço, sim, irmão. Não sou parceiro de BO de nenhum irmão, não, mas eu conheço o Gato Preto e o Naval.

— Nós vamos chegar nos irmãos e deixar a ciência de que você tá aqui. E saber do seu dia a dia na rua, maloqueiro.

— Só chegar lá nos irmãos e verificar. Meu corre é dinheiro, irmão. Se eu puder fortalecer, estou aí.

— Isso mesmo. Então, eu sou o irmão Macumba, da Zona Leste. Já conhece os irmãos, sabe como funciona. Cadeia do Comando, tudo nosso. Mantém tua disciplina e cola com os maloqueiros da hora. Tu é primário, né?

— Primário, irmão.

— Então, cola com os maloqueiro de visão aí pra tu não ficar de chapéu — gíria para “ficar de bobeira”. — Conselho meu aí: se não tiver deixado nada na rua, não se envolve com droga e fica longe de buchicho. Vou pegar seu cadastro aqui.

O irmão pegou meu cadastro e anotou os dados no caderno. Foi aí que, pela primeira vez, eu entrei nos registros do Comando. O PCC tem uma enorme demanda por registros e informações. O cadastro serve basicamente como uma forma de rastrear os internos que entram no sistema nas unidades ocupadas e administradas pelo Comando da gaiola para dentro. Você obrigatoriamente fornece os seguintes dados: nome, vulgo, quebrada, três últimas cadeias e irmãos que você conhece.

Então o Macumba me apresentou um companheiro da minha quebrada, vulgo Nefasto, e pediu para ele me dar uma assistência inicial. Ficamos ali por um tempo conversando, ele perguntou o que eu precisava e me deu um maço de cigarros. Os irmãos fizeram o mesmo questionamento com todos que chegavam, até o guarda entrar para trancar as celas. Para todos os efeitos, nós iríamos pagar o RO dentro do raio, ou seja, ficaríamos fechados na cela por sete dias. Assim que fomos trancados, eu percebi o quanto era sério o papo que eu havia acabado de trocar com o irmão dentro da faxina.

Depois de uns quarenta minutos, o irmão disciplina do prédio foi até a porta da cela na companhia de outros dois faxineiros. Eu estava encostado na capa, como são chamadas as grades da cela. Ele me cumprimentou novamente, dessa vez com o rosto muito mais amistoso. Perguntou pelo companheiro Zona Norte. Eu me virei e me dirigi a todos ali dentro: “Quem aí é o Zona Norte?”. Então um companheiro, já com cara de assustado, foi até a capa e eu me afastei. Achei muito estranho; até poucos momentos antes ele estava falando da sua caminhada na rua, se portando como um bandido de respeito. O disciplina começou a questioná-lo:

— Maloqueiro, me tira uma dúvida. Você é o Zona Norte de Osasco?

— Sou sim, irmão.

— Então, maloqueiro, parece que você tá faltando com a transparência com a gente. Tá mentindo para o Comando, companheiro?

— Tô não, irmão, jamais. Qual é a fita?

— Maloqueiro, você passou no Dakar 3? — Ele se referia ao Centro de Detenção Provisória Pinheiros III, em São Paulo. — Te dei um papo reto, perguntei se você tinha problema com o Comando ou alguma treta, tu falou que não. É esse o papo?

— Foi, sim, irmão. Passei lá no Dakar 3 também.

Outro faxineiro se aproximou da capa da cela e começou a falar diretamente com o companheiro Zona Norte:

— Tava no Dakar 3 em 2003, não é?

— Sim, passei lá em 2003.

— Mano, então já dá o papo reto, vem com a verdade. Eu lembro que você fez dívida de drogas lá, e antes de ser cobrado você correu pro seguro.

Zona Norte se limitou a abaixar a cabeça, uma lição que aprendi de cara. Se tivesse falado a verdade, nada aconteceria com ele, a não ser ficar malvisto por um tempo, e o dia a dia dele falaria por si. O Dakar 3 era uma cadeia extremamente violenta em 2003, por isso era aceitável pensar que um sujeito com dívida poderia correr para não ser agredido. Isso acontecia naquela época. Contudo, nos novos tempos existia o consenso de que dívidas não desabonam a caminhada de ninguém. Elas acontecem e podem ser pagas. Eu ainda não conhecia esses pormenores da disciplina do Comando. Nem o companheiro Zona Norte, aparentemente. Então o irmão continuou:

— Correu da cadeia, companheiro? Isso não é uma coisa que a gente precisava saber? Tá confundindo a paz do Comando com fraqueza?

— Jamais, irmão. Vou passar o papo reto. Eu me enrolei com uma dívida lá, e ia ser cobrado. Lá no Dakar não tinha muita ideia, irmão. Então eu fiquei em choque e saí do prédio, sim. Devia ter passado a transparência. Mas não sou inimigo não, irmão. Eu fecho com o Comando. Só não queria ficar malvisto.

— Companheiro, eu vou pedir pro guarda te soltar aí no sol da tarde. A gente vai trocar essas ideia pra eu entender isso aí. Saber onde tu tirou sua cadeia depois de correr, se foi só isso aí mesmo. Mas ó: você já começou errado faltando com a transparência.

— Tranquilo, irmão.

O irmão se afastou da capa e a cela inteira ficou em silêncio. O Leitão deu um papo de fortalecimento no companheiro Zona Norte, e um pouco depois já veio a boia. Era uma quentinha de papel-alumínio, que o pessoal chama de “blindado”. Dois pedaços de frango muito brancos, que pareciam crus, com arroz e feijão. Nada convidativo. Também vinha um pequeno quadrado de doce, uma bananada. Eu adoro bananada, e foi a única coisa que comi. Havia um cracudo na cela, que só comia e dormia. Esses tipos eram apelidados muitas vezes de “sete boia”, já que chegam na cadeia com crise de abstinência, o corpo só pede sono e alimento. Doei meu blindado para ele.

O almoço acabou e o guarda entrou na cadeia para soltar para o sol da tarde. Nós não iríamos sair; só o companheiro Zona Norte, que tinha aquele problema para resolver na faxina. Eu me compadecia da situação dele. Não é nada confortável ter um problema como esse na cadeia: tudo é injusto, você está sozinho e não tem nenhuma chance de defesa. O instinto de preservação deixa a mente da pessoa agitada, e ele estava claramente muito assustado.

O guarda foi até a cela soltar o Zona Norte, que falou algo para ele que não consegui entender. Parecia algum pedido de socorro; o rosto dele exalava medo. Ambos foram andando em direção à gaiola. E foi aí que vi o companheiro passar direto pela cela da faxina com o guarda e entrar na gaiola. Sim, ele estava correndo da cadeia novamente. O faxineiro tinha falado para ele não fazer a mesma besteira duas vezes, mas já estava feito. Ele sumiu quando os portões da gaiola bateram atrás dele. Para falar a verdade, eu senti que ele iria fazer aquilo assim que o irmão falou com ele. Eu, sem nenhuma instrução, chegando à cadeia naquele momento, ficaria assustado como ele ficou.

Depois que o Zona Norte deixou o raio, o Leitão veio se sentar na pedra onde eu estava, para conversar comigo sobre o cara. Ele me falou uma coisa de que me lembro até hoje. Algo muito importante, que diz muito sobre a cadeia e seus dogmas:

— Vacilo do Zona Norte, cadeia na paz. A parada é ser bandido, ser homem. Ele devia ter desenrolado o problema dele.

— Mano, ele tava com medo de tomar um pau aí dos caras. Bagu-lho é cadeia, mano.

— Escuta o que eu tô te falando. Cadeia sempre foi cadeia, a parada é ser verdadeiro e dar papo de homem, errado ou certo. Enfrentar os problemas de cabeça erguida e com papo reto.

— Visão de bandido. Mas, mano, o mano ficou assustado. Eu ficaria, sei lá o que iria acontecer.

— Então para com o crime, porra! Se você tiver medo de debater com outros bandidos olhando na bolota deles, é melhor virar trabalhador. Porque, cedo ou tarde, todo mundo acaba arrumando um bucho na cadeia. Tem que desenrolar igual homem.

— Tô entendendo, mano. Mas eu tô chegando agora, não sei porra nenhuma de cadeia. Se ele ficasse aí, os caras não iam ficar pá com ele não, mano?

— Lógico que iam, mano. Mas também iriam ver o dia a dia dele. Ele correu da cadeia, mas agredido ele não ia ser, não. Correu do Dakar 3, mano. Lá os caras jogavam bola com cabeça cortada. Era só ele dar o papo, mostrar o contrário com a caminhada dele aqui. É assim que funciona, tem que admitir o erro, mostrar aos irmãos outra visão sobre você, pelo seu cotidiano de bandido na cadeia. Não fica com esses papos, não, de que “eu também teria medo”. Se liga, mano. Você é bandido. Se tiver problema, você vai desenrolar.

— Suave. Tô absorvendo a sua visão. E por que você não passou essa visão de maloqueiro pra ele?

— Eu passei, Neguinho. Chamei ele em particular lá no boi e falei. Disse pra ele ir lá, dar papo reto nos irmãos, pedir a oportunidade e mostrar o dia a dia, que iria ficar tudo bem. Ele não escutou! Persistiu no erro.

— Entendi. Eu mesmo tinha essa ideia. Obrigado pela visão, Leitão. Você é da hora, mano.

— Pelo seu papo, dá pra ver que tu é um maloqueiro responsa. Quando te perguntarem pra qual raio você quer ir, bate sua carta para o raio 1. Vou pra lá, meu parceiro Cirilo tá lá no setor. Aí eu consigo te fortalecer, demorou?

— Demorou, Leitão. É nós, mano.

Hoje, com muito mais experiência, posso dizer que esse foi um dos melhores conselhos que recebi na cadeia. Usar a verdade, manter a cabeça erguida, independentemente de estar certo ou errado. Saber admitir um erro e pedir uma oportunidade se for preciso. Mostrar no dia a dia quem você é. Qualquer um que seguir esses passos pode ter certeza de que vai ter sua palavra respeitada na prisão. Mas não é só isso. A vida na prisão está muito ligada à convivência, à inteligência. As pessoas acreditam que estar preso é ter uma limitação para o corpo, mas a prisão real é na mente de cada interno. Se você for forte de corpo e mente, a probabilidade de ficar bem é muito maior. Se for fraco na mente, ou se resolver tirar sua cadeia com a ajuda de drogas para mascarar a sua realidade, meu amigo, aí você vai ter problemas com certeza.

Quando eu digo “drogas”, não se trata só das ilícitas. Medicamentos são mandados para os detentos com a maior facilidade e sem nenhuma avaliação médica. Se você mandar um pipa – um bilhete que você envia para os setores administrativos da cadeia – para a enfermaria e pedir diazepam, Levozine ou qualquer outro medicamento de uso controlado, até mesmo tarja preta, ele vai ser enviado diariamente para você se entorpecer. Lembro que uma vez eu tomei um tanto de Levozine com café. Nesse dia eu simplesmente perdi a coordenação motora, dormi umas vinte horas seguidas. Quando acordei, parecia que eu tinha passado dias bebendo direto, uma ressaca monstruosa. Esse tipo de droga parece até ser encorajado pelos médicos e enfermeiros do presídio, uma forma de manter os “lixos da sociedade” dopados. Isso os impede de ver quão miserável está a sua própria existência e de causarem problemas para os guardas.

### **Todos observando um, um observando todos**

No dia em que cheguei, assim que anoiteceu, as portas estavam trancadas. Os guardas abriram a gaiola e trouxeram sete presidiários novos para o raio. Por coincidência, eu conhecia alguns deles: o irmão Gato Preto, o irmão Corsa de Diadema e o companheiro Vida Louca. Todos foram até a cela falar comigo, e contaram que tinham sido presos

na tentativa de tomada da Vila Esperança, um bairro de pés de pato – como são chamados os justiceiros, supostos “matadores de bandidos” que espalham o terror pela periferia –, onde minha mãe morava. Uma ação em que eu com certeza teria tomado parte se não estivesse preso. Esses justiceiros formavam uma protomilícia encabeçada por um ex-policial civil que vivia nos Estados Unidos, mas usava sua influência para garantir uma renda cobrando pela segurança privada de toda essa comunidade e ordenando a morte de jovens que não se enquadrassem no modo de vida que a milícia impunha a essa comunidade.

A chegada desses detentos acabou fazendo os irmãos e companheiros da cadeia verem que eles me conheciam, que me respeitavam como criminoso. Isso mudou um pouco o modo como eu vinha sendo tratado lá dentro. O Leitão chegou a vir me perguntar por que eu não havia falado que conhecia os irmãos da rua, que estava fechado com eles em situações em prol da organização. Minha resposta foi bem sincera: eu estava refletindo sobre ela fazia um bom tempo, desde antes de chegar ao presídio. Eu disse: “Leitão, eu quero fazer minha própria caminhada. Não quero ser respeitado por conhecer ninguém”.

Eu nem sabia se iria ficar preso ali. Para ser sincero, até aquele momento eu só conhecia os irmãos porque eles queriam expulsar os pés de pato que já haviam matado muitos conhecidos meus. Eu não tinha intenção de levantar nenhuma bandeira para o Comando, nem de doar minha vida ou minha inteligência para eles. Eu tinha respeito pelos irmãos, mas meus coros até aquele momento eram por dinheiro. Eu não buscava nenhuma glória ou reconhecimento no crime. Já tinha aprendido que o bandido que se dá mal é aquele que busca fama ou respeito, e o bem-sucedido é o cara que ninguém imagina que comete crimes; esse cara pode ter até um emprego de carteira assinada, se passando por trabalhador.

Quando você observa um grupo por tempo suficiente, consegue entender o que aquelas pessoas querem, seus objetivos e as regras de convivência entre elas. Sabendo o que um grupo deseja, o que espera de você, é muito fácil ser aceito rapidamente e produzir respostas positivas para os anseios desse grupo. Acredito que minha rápida escalada nesse mundo paralelo se deva à minha capacidade de observação e à resiliência de me adaptar às demandas que eu enxergava. Ser observador é

muito útil dentro da prisão, tanto que um dos lemas da cadeia é: “Todos observando um, um observando todos”. Sobreviver sempre vai ser o instinto e a vontade mais pujante em um ser humano, e para sobreviver temos que nos adaptar. Não dá para ser uma pessoa perfeita em um mundo construído e projetado para seres humanos problemáticos.

Os irmãos foram colocados na cela da faxina, e o Vida Louca foi pagar seus sete dias de RO na cela 7, ao lado da minha. Tudo normal naquela rotina de comer, deitar, levantar e comer novamente. Ficamos trancados por três dias até o dia de visita. Nesse tempo, muitos companheiros de São Bernardo, inclusive os irmãos, iam até a capa da cela falar comigo, levar cigarro, sabonete e até mesmo algumas coisas da rua para comer. Durante a semana, o detento recebe itens via Sedex ou até mesmo o “jumbo” – em dias específicos, os familiares podem ir até a porta da cadeia levar itens de higiene, biscoitos, chocolate e cigarros. Tudo passa por revista e depois é entregue para o presidiário dentro da cadeia.

As conversas ali eram sempre sobre coisas corriqueiras: a rua, baladas, mulheres e parceiros. No CDP, os internos ainda pensam e falam muito sobre a rua. Eu não tinha me habituado nem tinha intenção de me habituar àquela situação e àquele lugar. À noite, em meio ao tédio, eu escutava o barulho das televisões nas outras celas; era uma tortura. Toda a minha vida eu quase sempre dormia vendo TV e gostava muito de assistir programas aleatórios na madrugada. E ali estava eu acordado, sem televisão e cercado de pessoas estranhas. Nem sabia se era seguro dormir. Um dos companheiros de cela era um cracudo que não falava coisa com coisa. Outros, bem velhos, com cara de trambiqueiros safados – os chamados 171, número do artigo do Código Penal para estelionato –, e ainda uns garotos primários com olhar de que estavam a um fio de surtar. Era muita coisa para entender e assimilar, e eu estava preocupado por estar chegando o dia de visita. Todos que eu conhecia me colocavam uma baita pressão, dizendo que o dia de visita era muita resposta, que qualquer olhada estranha involuntária da minha parte poderia me prejudicar. O dia de visita na cadeia é um dia sagrado.

# O PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL

se tornou uma das maiores organizações criminosas do mundo. Fundado em presídios, o PCC ultrapassou os muros das prisões e expandiu sua influência por territórios, mercados e instituições.

Em *Você nunca viu o mal de verdade*, Ruan Lisboa narra sua trajetória dentro dessa engrenagem. Ainda jovem, foi preso por um crime que não cometeu, entrou para o PCC, ascendeu na organização e acabou expulso. Sobreviveu para contar o que viu e viveu nos bastidores de uma das facções mais poderosas da história do Brasil.

Combinando memória e análise sociológica, o autor revela os mecanismos de poder, lealdade, violência e sobrevivência que sustentam o PCC. O resultado é um relato envolvente e uma rara análise de um fenômeno que ajuda a explicar a expansão do crime organizado e as transformações da sociedade brasileira.

Hoje vivendo no exterior, Ruan dedica-se à pesquisa e à denúncia da violência policial. Seu testemunho oferece uma perspectiva única sobre um universo cercado por mitos, medo e silêncio.

"Para todos os outros leitores, fica o convite à reflexão e ao diálogo impulsionado pelo potente, corajoso, honesto e generoso texto que aqui se apresenta."  
Camila Nunes Dias, pesquisadora e professora da UFABC

 Planeta



9 788542 244069